

A Psicoterapia Psicanalítica na rua realizada através de grupo operativo

*A rua enquanto instituição das
populações marginalizadas.*



Este trabalho vem sendo desenvolvido no âmbito do Centro Latino-americano de Estudos em Saúde Mental, e encontra-se dentro de seus objetivos institucionais que é o de produzir, através da interdisciplinariedade, e dentro da teoria e respectivas metodologias de Sigmund Freud e Enrique Pichon Riviere, conhecimento científico condizente com as condições concretas de vida da América Latina. A pesquisa encontra-se ainda em fase preliminar. Seu conteúdo, ao longo do tempo deverá ser ampliado e aprofundado.

A equipe de trabalho é composta também por Verônica Mendes de Mello, psicóloga e coordenadora do Núcleo de Estudos de Menoridade do Centro Latino Americano de Estudos em Saúde Mental. Desejamos agradecer aqui sua valiosa colaboração, dedicação e coragem. Seu ingresso no campo possibilitou um inequívoco salto de qualidade à investigação.

Queremos agradecer também a:

- Irineu Silva Jr., sociólogo e Diretor Científico do Centro Latino Americano, pelo acompanhamento e orientação, sempre rigorosos e estimulantes.

- Prof. Dr. José Martins Filho, vice-Reitor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), membro do Conselho Científico do Centro Latino Americano, e meu orientador neste trabalho enquanto pesquisa para a obtenção de grau de mestre na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

Introdução

A realidade brasileira e latino-americana, de forma geral, demanda a busca de soluções específicas para problemáticas que atualmente tornam-se cada vez mais agudas.

A questão da miséria tem-se expandido sobremaneira ao longo do continente, sendo que uma de suas manifestações críticas dá-se nos conglomerados urbanos com o aumento do fenômeno da vida na rua. Esta ocorre de forma variada, atingindo uma população marginalizada cada vez mais ampla e de todas as faixas etárias.

Se há anos atrás, a população moradora na rua constituía-se basicamente em casos psiquiátricos crônicos, hoje o mesmo já não ocorre. Vivem na rua, agora, também trabalhadores, empregados ou não, com suas famílias, além de um número crescente de menores de ambos os sexos.

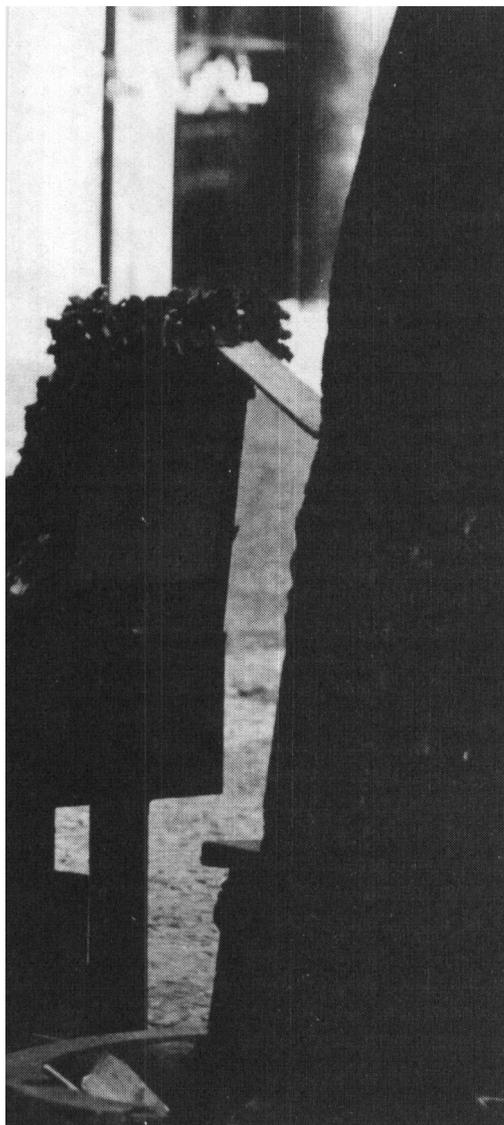
Além daqueles que vivem na rua, tem aumentado também a população que vive

da rua. Esta, mesmo tendo moradia precária e família constituída, tem como local de sobrevivência o espaço público.

Esta população crescente - tanto a que vive na rua, como a que vive da rua - desenvolve um modo de vida distinto daquela pertencente ao mercado formal de trabalho, e compõe o que Milton Santos denomina Circuito Inferior, que está em oposição dialética ao Circuito Superior.

O Circuito Inferior, segundo Santos, é composto por "...atividades de pequena escala, servindo à população pobre. Está profundamente implantado dentro da cidade." Abrange "...pequenas fábricas, pequeno comércio, incluindo vendedores ambulantes, atividades de consertos, serviços, biscateiros, prostitutas e outras atividades classificadas como anti-sociais ou tipicamente ilegais..." (17, p. 49)

Já o Circuito Superior é composto nos países periféricos pelos monopólios ligados diretamente aos países centrais,



com implantação de alta tecnologia e acumulação de capital. Inclui "...bancos, comércio de exportação e importação, indústria urbana moderna, comércio e serviço modernos, bem como comércio atacadista e transportes". (17, p. 39)

Ambos Circuitos, evidentemente, formam-se na história. Não é possível entendê-los sem uma compreensão do processo colonial, da formação do Brasil e América Latina, das relações econômicas entre Primeiro e Terceiro Mundo ou Hemisfério Norte e Hemisfério Sul. A relação dialética entre os dois Circuitos se dá na medida em que o inferior sustenta o superior através das relações econômicas. Este último, por sua vez, necessita de ramificações ao longo dos países periféricos enquanto representantes e disseminadores de um determinado modo de vida e visão de mundo que o sustenta. (P.U.) Esta composição pressupõe uma superestrutura, que é o modo de vida uniforme desenvolvido pelas camadas médias e altas das grandes cidades do Terceiro Mundo.

O modo de vida na e da rua pressupõe uma vinculação específica com a realidade, que em muitos aspectos é distinta daquela existente no Circuito Superior. Estes vínculos são ainda pouco conhecidos, o que obstaculiza o planejamento e execução adequadas de uma política social condizente com a problemática. As consequências são várias. A primeira delas é que com o aumento desta população devido aos mecanismos de exclusão econômica, a sociedade como um todo, os setores preocupados com a questão social e a ciência em particular, vêm-se impotentes diante de fenômeno tão massivo. Um segundo fator é o enorme desperdício de recursos humanos e materiais em programas sociais de atendimento que não atingem verdadeiramente esta população. Um terceiro fator, é a descapacitação dos técnicos em lidar diretamente com a problemática.

A Psicanálise enquanto Psicologia Social no Circuito Inferior

Sendo assim, busca-se, nesta pesquisa, formas de aplicação da psicanálise enquanto Psicologia social, a estes setores profundamente arraigados à cidade e que pertencem ao Circuito Inferior, no caso, à uma Praça, conhecida por Largo



de Osasco, no município de Osasco. Este município localiza-se a cerca de 20 km da cidade de São Paulo, na denominada Grande São Paulo. Sua população gira, atualmente, em torno de 800.000 habitantes, e caracteriza-se como cidade industrial. Com poucas condições de infraestrutura (educação, saúde, saneamento básico, educação, moradia, transporte, etc.), é conhecida como uma das cidades mais violentas do estado.

A saúde mental é entendida aqui como interdisciplinar, já que o ser humano se constitui enquanto ser de necessidades, a partir de uma determina história, fruto das relações sociais.

Conforme Freud "...se nos impõe a tarefa de investigar em seu desenvolvimento a relação do neurótico, e em geral do homem, com a realidade, e de tal modo incorporar o significado psicológico do mundo exterior, real objetivo à ensambleadura de nossas teorias." (7, p. 223).

Para o mesmo Freud, o social constitui e permeia o ser humano através das Séries Complementares. Nestas, três tipos de causas se interrelacionam dialeticamente na formação do sujeito, assim como na etiologia das neuroses e psicoses.

A primeira série - o fator constitucional - é formada pelos fatores hereditários e congênitos. No fator hereditário está contida a história genética, mutante devido à relação do Homem com o meio. No fator congênito - a vida uterina - o bebê absorve através da mãe as relações vi-vidas por esta ao longo da gravidez, como por exemplo, a relação matrimonial e familiar, efeitos ecológicos, situações de conflitos, *stress*, alimentação, relação de trabalho etc.

A segunda série - vida infantil - forma-se nas relações familiares. É nestas que se se constitui a sexualidade infantil, o Complexo de Édipo como formador da estrutura da personalidade. A interrelação dos fatores genéticos e congênitos com as experiências infantis constitui o disposicional.

A terceira - o fator atual ou desencadeante - são os vínculos que o sujeito tem no mundo no momento atual, e que desencadeiam o processo de interagirem com o disposicional.

Pode-se depreender então, com Freud, tal como está por ele colocado na Psicologia das Massas e Análise do Ego que: "Na vida anímica do indivíduo, o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e



como inimigo, e por isso, desde o começo a Psicologia individual é simultaneamente Psicologia social neste sentido mais lato, porém inteiramente legítimo.” (8, p. 67)

Cabe ressaltar, no entanto, que também no caso da psicanálise, a superestrutura decorrente de uma economia capitalista, periférica e dependente produz um colonialismo científico e cultural, que impede e aliena muitos estudantes e profissionais da área da saúde mental, de acessarem à realidade, e consequentemente, aos instrumentos teóricos e práticos que possibilitem uma práxis mais abrangente. A psicanálise, inegavelmente, tem-se desenvolvido, produzido e atuado, na maior parte dos casos, no e para o Circuito Superior, dentro do modo de vida uniforme das camadas médias e altas dos grandes centros dos países centrais e das metrópoles do terceiro mundo.

Por outro lado, tem surgido nas últimas décadas na própria América Latina, tentativas concretas na busca de soluções e ampliação do campo de aplicação da psicanálise de forma condizente com nossa realidade. A Escola Argentina, tendo à frente Enrique Pichon-Riviere e discípulos como José Bleger, desenvolveram alternativas muito consistentes

nesta direção. Seus discípulos espalharam-se pelo continente, formando novos profissionais, supervisionando e desenvolvendo trabalho clínico e de campo, o que levou, segundo Pichon-Riviere a “...uma incipiente revolução teórica, revolução caracterizada pelos modos de aproximação à problemática da relação entre estrutura sócio-econômica e vida psíquica, indagação da operação das ideologias no inconsciente, processos de socialização.” (11, p. 204)

Para Pichon-Riviere, o Homem é um ser de necessidades e suas relações com o mundo estabelecem-se a partir desta condição. É esta relação, portanto, que forma a representação e a conduta através das relações sociais introjetadas e projetadas a partir de uma estrutura denominada vínculo. A totalidade da conduta é composta pelos vínculos psicossociais, aqueles que se dão entre os sujeitos e diferentes indivíduos; os sociodinâmicos, que são as relações dentro dos grupos aos quais o sujeito pertence e, finalmente, os institucionais que abrangem as relações dentro e entre os grandes grupos, tais como a sociedade e a instituição.

A concepção de Saúde Mental de Pichon-Riviere está assentada exata-

mente na possibilidade do sujeito satisfazer estas necessidades em um processo de transformação de si, do outro e do mundo. Quando isto ocorre, dá-se então a adaptação ativa à realidade. Para ele “...o doente mental é símbolo e o depositário (porta-voz) do aqui agora de sua estrutura social. Curá-lo é transformá-lo ou propiciar um novo papel que é o de agente de mudança social...” (14, p. 38).

A Configuração psicológica da população do Largo de Osasco

Tanto Freud, através das Séries Complementares, como Pichon-Riviere, através da indagação da relação entre estrutura econômica e estrutura psíquica, apontam caminhos para a compreensão da configuração psicológica ou mundo interno dos sujeitos do Largo de Osasco.

A configuração do sujeito humano segue a regra dialética da transformação da quantidade em qualidade. Assim, a saúde, a neurose e a psicose estão em função de fatores quantitativos que constituem qualitativamente o ser humano.

No caso do grupo operativo em desenvolvimento, pode-se observar, através do material grupal, que em todos os casos houve uma grande quantidade de frustrações em suas histórias de vida e que compõe as Séries Complementares. Estas passam pela migração, pela ausência e/ou violência dos pais, pela penúria econômica, pela estreita convivência com a morte de familiares, pelas precárias condições de moradia e insegurança constante quanto ao futuro, pelo abuso sexual etc.

Todos estes fatores impedem a constituição de um ego que possa processar, organizar e elaborar as necessidades na forma do processo secundário.

O processo secundário vai sendo constituído a partir do processo primário, que tem por característica o funcionamento à base do arco reflexo, ou seja, o que Freud coloca em seu Projeto de Psicologia e na Interpretação dos Sonhos, como um dos dois princípios do funcionamento psíquico, o Princípio da Constância. Qualquer quantidade, seja ela proveniente de fonte endógena ou exógena, tende à descarga imediata na busca do alívio. O modelo paradigmático do processo primário, ou princípio do prazer é o

funcionamento do bebê. Este trata de expulsar de si tudo o que é desprazer tratando de constituir um ego puro prazer.

O ego puro prazer funciona a partir da projeção no outro do incômodo gerado pelo aumento da quantidade interna e da alucinação da realização do desejo.

O processo secundário, por outro lado, pressupõe a possibilidade da continência para as quantidades internas e externas que causam desprazer. A descarga deve ser efetuada na forma de uma ação específica que transforma a realidade para que assim possa ser suprida a necessidade. Isto pressupõe o pensamento e o exame da realidade, que exige, como diz Pichon-Riviere, uma tática, uma estratégia, uma logística e um projeto.

E a ação específica que possibilita a adaptação ativa à realidade, onde o sujeito transforma o outro, ao mesmo tempo que a si mesmo.

A constituição do mundo interno está em função dos vínculos introjetados, projetados e reintrojetados nas relações sociais. Se estas não podem ser continentes ao desamparo do bebê, desempenhando em um primeiro momento a função do processo secundário fora do sujeito, enquanto indivíduo auxiliador para a ação específica, o que será introjetado é o desamparo. E é a partir deste que se darão os outros vínculos. Freud fala desta primeira relação com a mãe ou indivíduo auxiliador como a fonte de todos os motivos morais. Sem a experiência de continência externa não é possível a constituição da continência interna, e é esta que possibilita, enquanto ego, o exame da realidade, o pensamento, e reiterando, a ação específica.

Observa-se tanto na população moradora de rua, quanto na que vive da rua, e especificamente aqui, no Largo de Osasco, através do material do grupo operativo, fatos tais como, imediatismo, animismo, alcoolismo, drogadição, explosões de violência consigo mesmo e com o outro, ausência da percepção do outro, projeções maciças de conteúdos internos, fragmentação etc. Todos estes mecanismos da tentativa da manutenção do ego puro prazer, e conseqüentemente, do processo primário.

Estes dados não deixam margens a dúvidas da necessidade de uma psicoterapia. Os integrantes do grupo reconhecem sua necessidade e o dizem explicitamente. A indagação é como realizar esta psicoterapia dentro de suas con-

dições concretas de vida e descobrir caminhos que possibilitem cada vez mais a ação da psicanálise no Circuito Inferior, dentro de nossas condições concretas.

Objetivos

Segundo Bleger, a psicanálise "é uma teoria, uma terapia e uma investigação (1, pág. 110). No Largo do Osasco, tem-se como um dos objetivos específicos da pesquisa, a realização - a partir de uma teoria - de uma terapia com os habitantes do local, e através desta, alcançar um segundo objetivo específico, que é a verificação da hipótese se esta praça se configura como uma instituição. Isto inclui o estudo sobre o modo de vida da rua, da exclusão social, do efeito da economia política sobre o mundo interno desta população, dos vínculos, da conduta e das representações desta.

Este trabalho encontra-se dentro do que o mesmo autor denomina psicanálise operativa. Esta "...realiza-se fora do contexto do qual se dá a psicanálise clínica, em situações humanas da vida corrente, indagando aí os dinamismos e as motivações psicológicas inconscientes, e utilizando dita indagação para conseguir modificações através da compreensão do que está ocorrendo, como e porque. A intervenção ou operação se dá interpretando as relações, as tarefas, o procedimento, a organização, a instituição, a comunicação etc." (PPI). Para Bleger toda a psicoterapia grupal deve ser entendida como psicanálise operativa, e agrega que: "...um próximo passo, ainda necessário na Psicologia grupal, é o de sua utilização fora do consultório, quer dizer, nas situações e instituições da vida diária." (1, pág. 116). A pesquisa na praça vai exatamente nesta direção.

O Grupo Operativo

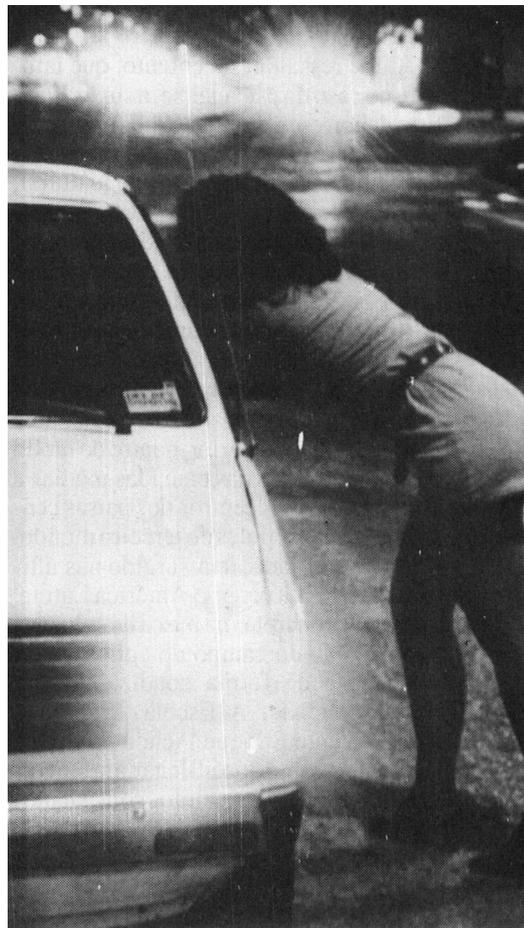
O Grupo Operativo, segundo Enrique Pichon-Riviere é: "um grupo centrado na tarefa e que tem por finalidade aprender a pensar em termos das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal e não em cada um de seus integrantes, o que seria uma psicanálise individual em grupo. No entanto, não está centrado exclusivamente no grupo com as concepções gestálticas, senão em cada aqui-agora, comigo na tarefa se opera em duas dimensões, constituindo em certa medi-

da uma síntese de todas as correntes. Consideramos ao enfermo que enuncia um acontecimento como o porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo. Nisto reside a diferença da técnica operativa com as outras técnicas grupais, já que as interpretações se fazem em dois tempos e em duas direções distintas." (13, pág. 128)

Nesta síntese, Pichon-Riviere abarca vários aspectos fundamentais sobre o grupo operativo. O grupo é sempre centrado em uma tarefa, podendo esta ser a cura, no caso da psicoterapia, a resolução de um problema institucional, a aprendizagem, a construção de um prédio, etc. A liderança do grupo não é exercida pelo coordenador, ou por qualquer outra pessoa, e sim pela tarefa.

A tarefa é, portanto, um aspecto central do grupo operativo. Este deve ser operativo no sentido da resolução de problemas concretos, está centrado na realidade objetiva.

Em contraposição a noção de tarefa está a de pré-tarefa, que são todos os aspectos inconscientes existentes no grupo enquanto defesa psicológica diante da mudança que a tarefa exige. Estes são os medos do ataque e o medo da perda.



Ambos são característicos da posição esquizo-paranóide de Melanie Klein. O medo do ataque surge do temor da retaliação do grupo, do objeto interno ou externo, na medida em que surge a mudança. O medo da perda é oriundo do fato de que, para que haja mudança é necessário a renúncia aos vínculos infantis.

A relação entre tarefa e pré-tarefa é dialética. A primeira é o objetivo explícito ou consciente do grupo; a segunda são os obstáculos à realização desta mesma tarefa. Ao explicar-se ou explicitar-se o implícito, o obstáculo à mudança torna-se consciente. Esta dinâmica de desvelamento das situações dilemáticas dá-se no aqui-agora-comigo no grupo, para que então, possam passar a ser dialéticas, e conseqüentemente, em movimento na direção da resolução da tarefa. Sendo assim, a tarefa é sempre uma necessidade grupal e a pré-tarefa o impedimento da realização desta mesma necessidade.

Qualquer emergente grupal é tomado como porta-voz do consciente ou inconsciente do grupo. Isto porque Pichon-Riviere parte do conceito formulado por G.H. Mead de grupo interno. Todos os

membros do grupo tem este internalizado, constituindo-se então uma ampla rede de grupos naquele aqui-agora-comigo. Se em um grupo existem dez pessoas, cada uma delas terá este total interagido dentro de si em seu grupo interno, ao mesmo tempo que com o grupo externo. Cada manifestação será então porta-voz deste grupo interno, proveniente do grupo externo, que se mescla com a história de vida daquele que se manifesta. Esta é a razão pela qual no grupo operativo opera-se em uma dupla dimensão, ou seja, na verticalidade e na horizontalidade.

A verticalidade é a história do sujeito que se manifesta a partir da introjeção do grupo naquele dado momento. A horizontalidade é o que é expresso do grupo pelo sujeito no aqui-agora, diz respeito a algo que pertence a todos, e que geralmente está negado e fragmentado.

O grupo interno, e por conseguinte, o papel de porta-voz, faz com que os papéis sejam cambiantes e interatuantes, tornando a produção verdadeiramente grupal.

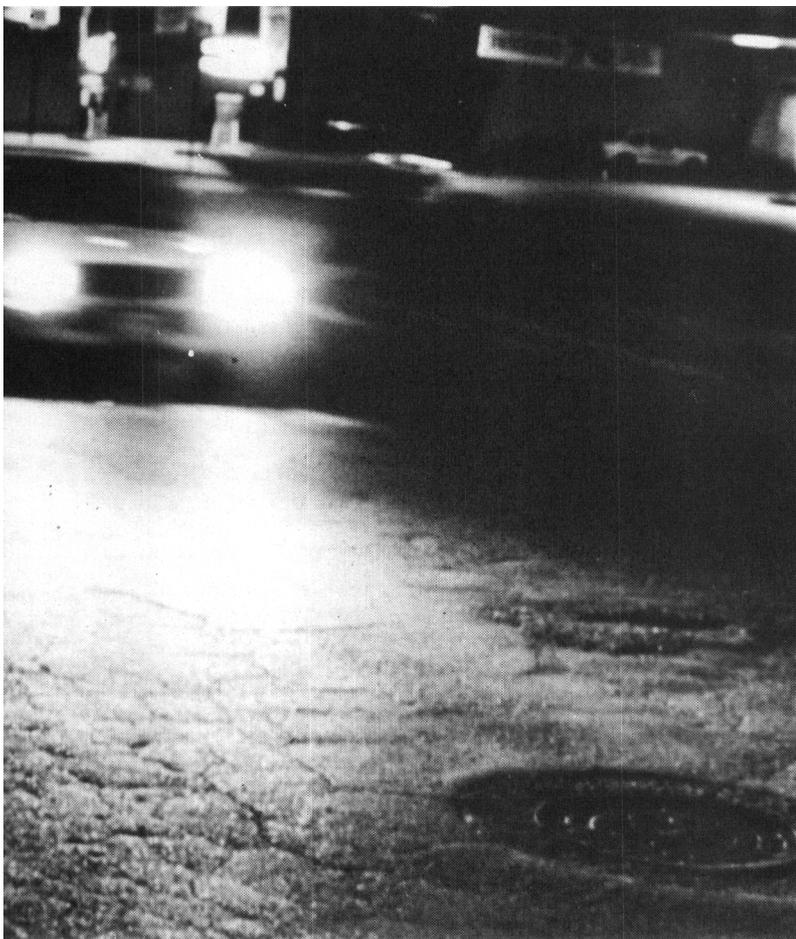
São estes processos que constituem a possibilidade de aprender a pensar em grupo. O material, que em um primeiro

momento surge de forma individual e fragmentada, constituindo o conteúdo manifesto, que ao ser explicitado através da dinâmica grupal, transforma-se em conhecimento que direciona a tarefa. O aprender a pensar em grupo para Pichon-Riviere, passa pela criação de uma tática, de uma estratégia, de uma logística e de um projeto. O aprender a pensar é necessariamente um processo grupal, e pressupõe a transformação dos conflitos dilemáticos, e portanto fragmentados, em conflitos dialéticos, em movimento constante de integração da parte com o todo, da verticalidade com a horizontalidade, da aceitação do mundo interno em interação com o mundo externo, que propiciará uma adaptação ativa à realidade, onde é reconhecida a necessidade e portanto é necessária a transformação; isto em contraposição à adaptação passiva, da fragmentação alienante.

O Grupo Operativo na Rua. A questão do enquadramento

A realização de grupo operativo na rua demanda uma alteração do enquadramento utilizado até o momento na psicanálise. Este dá-se normalmente, tanto no consultório, particular, como em centros de saúde e em instituições - em psicanálise ou psicoterapia individual e de grupos - "na fixação de um enquadramento, que consiste numa limitação das variáveis (fixação das constantes) e um certo controle das variáveis em jogo a cada momento", na construção de uma situação artificial (1, p. 112). Esta é construída a partir do atendimento em uma sala específica, num horário determinado, a um custo/hora estabelecido de comum acordo entre terapeuta e paciente, e a uma modalidade de relação onde os papéis têm uma clara delimitação. Estabelecidas as regras fixas podem surgir as demais variações decorrentes da relação transferencial, pois estas estão contidas dentro de um *setting* protegido.

No caso do grupo operativo desenvolvido no Largo de Osasco, também existe um enquadramento com os mesmos objetivos. O que altera-se, no entanto, é a questão do espaço físico, a não existência de um pagamento em espécie, o fato do grupo estar aberto a qualquer pessoa que esteja no local, e sua realização em um espaço específico, que é a



porta de um bar. São mantidas as variáveis de lugar, horário, dia da semana, a clara delimitação de papéis, e espaço físico.

É quanto a este, então, que dão-se as alterações mais significativas, pois o movimento da praça continua sendo incluído dentro do grupo, que se mantém constante. Estes movimentos são tomados como porta-vozes do próprio grupo e este, por sua vez, como porta-voz da praça.

O Largo de Osasco enquanto Instituição

Todos os indivíduos que frequentam a praça regularmente convivem há vários anos no local. Geralmente são favelados. Muitos chegam ao Largo com aproximadamente 10 anos de idade. Sua inserção na rua está sempre em função de uma situação de ruptura.

Esta situação de ruptura geralmente é múltipla; por exemplo, divórcio, migração, desemprego, morte etc. É uma quebra sucessiva de vínculos, onde as situações básicas de continência fragmenta-se.

A quebra sucessiva e múltipla de vínculos é consequência da impossibilidade da satisfação das necessidades básicas de sobrevivência. Esta, depois de todas as rupturas, só é possível agora na situação de rua. É a necessidade de sobrevivência, portanto, que gera as relações e aglutina as pessoas na praça.

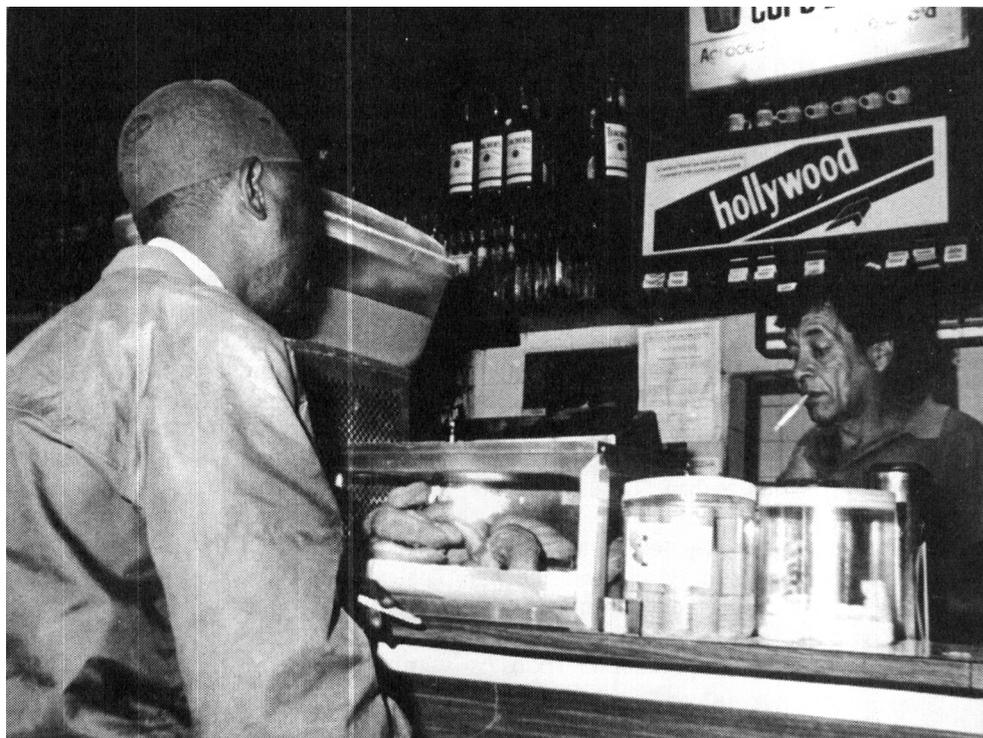
A continência passa então a ser exercida pelas ligações estabelecidas no Largo. As relações afetivas começam a estruturar-se com as pessoas que vivem no local.

Este processo faz com que talvez se dêem na rua uma série de relações substitutivas.

Os migrantes, por exemplo, talvez encontrem ali seu grupo de pertinência, passando o Largo a ser o espaço que configura uma identidade cultural, como anteriormente o era seu lugar de origem.

Na ausência do trabalho, sempre é possível subsistir ali - através da graxa, do empréstimo, da solidariedade, do tráfico de drogas, roubo etc. - tal como subsiste-se durante um tempo sob o abrigo da família em caso de necessidade.

As relações familiares consanguíneas também estruturam-se no local. No grupo existem gerações distintas de uma mesma descendência (pai e filho), assim



como, entre irmãos e cunhados. Neste caso é também a partir dali que relacionam-se com outros membros da família, quer seja através de informações sobre os mesmos, quer seja através de visitas destes ao local.

No que se refere à Escola, o Largo talvez adquira também uma função. É evidente que não cumpre com a tarefa da aprendizagem formal, mas possivelmente a convivência cumpre a função do conhecer e pensar o mundo. Com isso, queremos dizer que é possível que, a partir dali, passem a interpretar a realidade, e tratar de realizar generalizações e abstrações sobre a mesma.

Diante destas considerações, é necessário indagar se a estrutura social latino-americana, não está criando uma vasta exclusão de grandes fatias da população das instituições, através das a-

tuais relações econômicas. Esta exclusão causa um tal impacto desagregador na Família, no Trabalho, na Escola, que a Rua começa a exercer funções que anteriormente cabiam a estas instituições, agora fragmentadas.

Esta hipótese surge em função do fato da observação do fato que aquele espaço constitui-se em algo estruturado, bastante rígido, onde são depositadas vastas extensões da personalidade dos sujeitos. Segundo Bleger: "O ser humano encontra nas distintas instituições um suporte e um apoio, um elemento de segurança, de identidade e de inserção social ou pertença. A partir do ponto de vista psicológico, a instituição forma parte de sua personalidade e na medida em que isto ocorre, tanto como a forma em que isso se dá, configuram distintos significados e valores da instituição para

os distintos indivíduos ou grupos que a ela pertencem. Quanto mais integrada a personalidade, menos dependente do suporte que lhe presta uma dada instituição; quanto mais imatura, mais dependente é a relação com a instituição e tanto mais difícil toda mudança da mesma ou toda a separação dela. Desta maneira, toda a instituição não é só um instrumento de organização, regulação e controle social, mas também, ao mesmo tempo, é um instrumento de regulação e de equilíbrio da personalidade e, da mesma maneira que a personalidade tem organizadas dinamicamente suas defesas, parte destas se acham cristalizadas nas instituições; nas mesmas se dão os processos de reparação tanto como os de defesa contra as ansiedades psicológicas (no sentido que Melanie Klein dá a este termo)...” (1, p. 55)

Em vista do colocado até o momento é possível levantar a hipótese preliminar de que a exclusão e fragmentação das instituições (Trabalho, Família, Escola, Cultura Local) motivada pelas graves condições políticas, sociais e econômicas, faz com que os vínculos depositados anteriormente nas mesmas sejam agora transferidos às relações nesta praça, motivadas pela necessidade de sobrevivência.

Ocorre porém, que ali são depositadas vastas áreas da personalidade dos sujeitos, de forma indiscriminada, e portanto sincrética, em virtude do grau de dependência em relação ao local como um todo (instituição), gerando uma relação simbólica, que impede a separação, a estruturação do pensamento e, portanto, uma adaptação ativa à realidade.

O Campo

O campo propriamente dito é a praça central de Osasco, conhecida por Largo de Osasco. É um local de grande circulação de pessoas, pois ali existe um terminal de trem e ponto final de várias linhas de ônibus. O comércio é intenso, composto por lojas das mais distintas qualidades e mercadorias, assim como, por vendedores ambulantes. A praça tem forma ovalada, sendo que é cortada ao meio por uma rua de intenso movimento. De um lado está a estação de trem, que desemboca em um espaço para a circulação de transuentes, guarita da polícia militar, bancos onde ficam desocupados

ou pessoas que descansam. A direita de quem olha para a estação de trem estão os terminais de ônibus. Todo este lado da praça tem como limite a linha de trem. Do outro lado da rua, diante da estação de trem, estão os bares, o comércio e a maior circulação de transuentes.

A população do Largo de Osasco é em sua grande maioria de baixa renda. Divide-se, porém, em distintas categorias. Existem os transuentes que utilizam-se dos meios de condução, os comerciantes, os que vão ao local para comprar, os vendedores ambulantes, os engraxates, as prostitutas, e os meninos e meninas de rua etc.

O campo da pesquisa constitui-se em aproximadamente 50 metros (de uma esquina a outra) da rua em frente e do lado oposto à estação de trem. Ali há um ponto de táxi, banca de jornais, três bares, vendedores ambulantes, e várias modalidades de pequeno comércio. Diante dos bares estão os engraxates, e dentro de um deles, a maior parte das prostitutas. O ponto central do campo é exatamente a porta deste bar.

Histórico da Inserção no Campo

No final da década de 70 e início de 80, foi realizado um trabalho que visava abarcar várias áreas da manifestação da violência no município de Osasco. Este foi desenvolvido por uma associação denominada Associação Para o Desenvolvimento do Cidadão - ADC, com fundos de agências européias de ajuda a projetos desenvolvidos no Terceiro Mundo. A instituição pretendia ter uma ação interdisciplinar, e de seus quadros faziam parte psiquiatras, psicólogos, sociólogos, advogados e um padre.

Os trabalhos eram desenvolvidos com o apoio do Poder Judiciário e abrangiam a Cadeia Pública de Osasco, uma delegacia de polícia onde estavam detidos menores, uma Central de Atendimento para egressos, familiares destes e também, o trabalho com adolescentes de rua no Largo de Osasco.

O trabalho com adolescentes de rua no Largo de Osasco foi desenvolvido por aproximadamente dois anos. Também realizado em equipe. Consistia em visitas semanais ao Largo, onde eram contactados os menores, tanto do sexto feminino como do masculino. O atendimento

dava-se na própria rua, algumas vezes em grupo, mas predominantemente de forma individual. Tratava-se de desenvolver já na época, o que foi por nós formulado anteriormente em outros trabalhos com menores, de uma psicoterapia de orientação psicanalítica na rua.

Os três últimos trabalhos foram interrompidos ao mesmo tempo, no ano de 1980, em função, basicamente, das pressões sofridas pela equipe por parte do aparato policial. Dada a inserção da ADC em várias frentes de atuação da polícia, obteve-se as mais variadas informações sobre as atividades ilegais da mesma, tais como tortura, tráfico de drogas (o local de trabalho no Largo, que é o mesmo atualmente, era um ponto de venda de drogas), tráfico de armas, esquadrão da morte, cemitérios clandestinos etc. As formas de pressão foram as comuns na época da ditadura militar, isto é, telefonemas, técnicos sendo seguidos, ameaças por escrito etc.

O trabalho na cadeia pública interrompeu-se mais tarde, por motivos semelhantes.

O Trabalho e a Pesquisa na Atualidade

No mês de julho de 1990, portanto, aproximadamente 10 anos depois, foi retomado o contato com o campo. Em um primeiro momento realizou-se uma observação do Largo de Osasco, e logo após, foram feitos contatos com os engraxates que estavam no mesmo local daqueles que foram atendidos anteriormente. O intervalo de tempo possibilitou que fosse observado o percurso de vida dos que pertenceram ao primeiro grupo. Deste, foi retomado o contato com dois membros. Através deles e de novos vínculos obteve-se informações dos demais. Alguns morreram - sempre de forma violenta - outros estão presos. Dos demais tem-se poucas notícias, que variam entre terem tido “sucesso na vida”, ou simplesmente desaparecido.

As visitas são realizadas semanalmente, sempre ao mesmo dia, hora e local. Durante um ano estas foram realizadas de forma individual. No momento a equipe é composta por dois psicólogos, sendo um do sexto masculino, e outro do feminino.

As pessoas com quem se dá o contato variam, em sua maior parte, entre 20 e 30

anos, e são de ambos os sexos. Os homens têm como atividade explícita principal o engraxar sapatos. Chegam ao Largo durante a manhã, e ali permanecem até o anoitecer. Poucos são os que somente engraxam sapatos. As outras atividades de sobrevivência variam entre comprar e revender verduras, trabalhar à noite como faxineiro, assaltos, venda de objetos roubados, possivelmente tráfico de drogas.

As mulheres exercem a prostituição. Nesta atividade praticam também o furto, e possivelmente, o tráfico de drogas.

Neste bar, além dos já citados, ficam travestis, que também furtam, e uma homossexual feminina. O restante da população que ali está são os fregueses do bar, das prostitutas, dos travestis, dos engraxates. Circulam na porta do bar vendedores ambulantes, aposentados com cartazes de compra e venda de ouro, anúncios de emprego etc.

Os vínculos desta população com o Largo de Osasco são complexos, profundos e de muito tempo. O fator principal que os levou ao local é a sobrevivência. Em determinado momento de suas vidas, ali encontram a possibilidade de subsistir. A maior parte é vinculada ao local desde criança (de 8 a 12 anos). Outros chegam na adolescência. As relações com a praça perfazem, portanto, de 10 a 20 anos, algumas vezes até mais.

Moram nas favelas de Osasco. Muitos possuem família. Observa-se, no entanto, que o vínculo com o Largo é mais consistente do que os demais. Altera-se o local de moradia, a família, mas não altera-se a permanência na praça. Muitas vezes encontram trabalho fora, mas sempre, depois de um tempo, retornam ao Largo para ali subsistir. No que se refere aos vínculos de amizade, mesmo que momentaneamente estejam trabalhando fora, ao final do expediente voltam para conversar.

Sendo assim, esta é uma população que vive da rua e não na rua. A rua é seu meio de subsistência, e que constitui a base material para os demais vínculos.

A vida familiar tem extensas ramificações no local; isto basicamente entre os homens. A caixa de engraxar sapatos, que fica permanentemente no Largo, é cuidada, geralmente, por membros de uma mesma família, ou então esta possui duas caixas. Trabalham juntos pai e filho, irmãos, cunhados.

Os acontecimentos ocorridos no Largo, e em suas casas, muito rapidamente

chegam a ambos lugares. Assim algo que ocorreu à tarde no Largo, à noite já é sabido na casa e vice-versa. Isto porque, além dos vínculos familiares serem vários, vivem muitas vezes no mesmo local ou próximos.

Os grupos de engraxates estão constituídos em três distintos pontos ao longo destes 50 metros de rua. O agrupamento se dá fundamentalmente pelos vínculos familiares. As prostitutas e travestis ficam no bar. Não foram observadas relações de consanguinidade entre estes, o que não exclui, no entanto, a relação de solidariedade.

As relações da equipe abrangem aproximadamente 25 pessoas do local.

O Grupo Operativo no Largo de Osasco

O trabalho realizado na atualidade é predominantemente grupal. As conversas individuais são evitadas, na medida em que são consideradas como uma fragmentação do grupo. Como existem ao longo destes 50 metros de rua três agrupamentos, anteriormente davam-se mais de uma situação grupal. Neste momento o máximo que é feito é uma passagem por estes agrupamentos para cumprir as pessoas.

O grupo se dá na porta do bar, ao redor de uma caixa de engraxar sapatos. É aberto, já que podem participar do mesmo qualquer pessoa que esteja no local, o que muitas vezes ocorre. Sua duração é de aproximadamente 1:15 horas. Todos ficam de pé ao redor da caixa.

Os membros dos outros agrupamentos participam algumas vezes. Quando não, ficam atentos ao que se passa ali. Participam, portanto, os engraxates, as prostitutas, algumas vezes conhecidos dos mesmos, outras algum aposentado com placa de anúncios, filhos dos engraxates, e companheiras destes quando estão no Largo, o mesmo ocorrendo em relação às prostitutas. Em algumas ocasiões estão também vendedores ambulantes.

As pessoas que estão dentro do bar e próximos ao grupo (travestis, outras prostitutas, fregueses destes) acompanham o grupo de fora. Sabem, no entanto, que podem agregar-se na hora em que desejarem, ou então, quando conseguirem



vencer seu temor ou inibição de participação.

Os membros permanentes do grupo apresentam os psicólogos a seus amigos e explicam o que ali é feito. Aguardam o início do trabalho na hora marcada. Os emergentes grupais têm sido o trabalho (subsistência), a sexualidade, o alcoolismo, a violência, a relação de casamento, filhos, os conflitos e as relações entre eles, a vida do Largo, suas histórias de vida, a questão da saúde, da AIDS, e demais doenças venéreas, da morte, da religião etc.

Estes emergentes surgem através de relatos, de sonhos, e da conduta concreta do grupo. Todo o material surgido no Largo e no próprio grupo, é tomado como grupal. Portanto, toda e qualquer situação observada no campo ambiental e psicológico é tomada como porta-voz dos mesmos.

A situação de grupo é permeada pelos acontecimentos que se dão ao redor, na rua e no bar. Estes se dão de forma rápida e simultânea. Dependendo do emergente grupal - se este causa muita ansiedade - os participantes retiram-se por momentos do mesmo, voltando logo a seguir. Na dinâmica grupal são realizadas interpretações e assinalamentos. A entrada e saída no grupo, por exemplo,



pode ser apontada ou como ansiedade e negação de algo que é seu e está sendo expresso pelo outro na condição de porta-voz, ou como consequência da fragmentação existente no local e em suas vidas. Ao mesmo tempo que existe fuga em função do emergente grupal, os integrantes não temem trazer material de índole pessoal e íntima.

As diferenças de papéis estão bastante estabelecidas. Podem estar bebendo durante o grupo, mas não oferecem aos psicólogos. Estes são apresentados como “nossos psicólogos”, e que “ajudam a resolver nossos problemas”, com quem “trocamos idéias”. Quando se atrasam pedem desculpas.

Algumas vezes dão-se situações distintas das relatadas até agora. Estas são geralmente em bares. Por exemplo, na interrupção do trabalho devido á férias da equipe, esta foi convidada para tomar cerveja no bar, como despedida. Seus temores e fantasias são expressos com bastante liberdade. Nesta ocasião diziam: “um mês! Vocês vão nos abandonar. Não acreditamos que voltem!”. Ou “vocês vão para a Suíça ou Estados Unidos!”. Neste caso tranquilizaram-se quando lhes foi dado um papel por escrito (foi uma iniciativa da equipe) com a data do reinício do grupo. □

Bibliografia

- 1 - Bleger, José - *Psico-higiene e psicologia institucional*. Artes Médicas, 2ª edição, 1984. Porto Alegre.
- 2 - Bleger, José - *Psicologia da conduta*. Artes Médicas, 1ª edição, 1977. Porto Alegre.
- 3 - Bleger, José - *Simbiosis y ambigüidad*. Editorial Paidós, 3ª edição, 1975. Buenos Aires.
- 4 - Bleger, José - *Temas de Psicología*. Ediciones Nueva Visión, 7ª edição. Buenos Aires.
- 5 - Freud, Sigmund - *Proyecto de psicología 1950 (1895)*. Amorrortu Editores. Obras completas. 1ª reedición. Vol. I. 1986. Buenos Aires.
- 6 - Freud, Sigmund - *La interpretación de los sueños (1900)* Amorrortu Editores. Obras completas. 1ª reedición. Vols. IV e V. 1986. Buenos Aires.
- 7 - Freud, Sigmund - *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico (1911)* Amorrortu Editores. Obras completas. 1ª reedición. Vol. XII 1986. Buenos Aires.
- 8 - Freud, Sigmund - *Psicología de las masas y análisis del yo (1921)* Amorrortu Editores. Obras Completas. 1ª reedición. Vol. XVIII 1986. Buenos Aires.
- 9 - Freud, Sigmund - *El mal estar en la cultura 1930 (1929)* Amorrortu Editores. Obras Completas. 1ª reedición. Vol. XXI 1986. Buenos Aires.
- 10 - Pichon-Riviere, Enrique - *Aportaciones a la didáctica de la psicología social, in El proceso Grupal*. Ediciones Nueva Visión, 1985. Buenos Aires.
- 11 - Pichon-Riviere, Enrique - *Entrevista en "Primera Plana", in El proceso Grupal*. Ediciones Nueva Visión, 1985. Buenos Aires.
- 12 - Pichon-Riviere, Enrique - *Freud, punto de partida de la psicología social, in El proceso Grupal*. Ediciones Nueva Visión, 1985. Buenos Aires.
- 13 - Pichon-Riviere, Enrique - *Grupos operativos y enfermedad unica, in El proceso Grupal*. Ediciones Nueva Visión, 1985. Buenos Aires.
- 14 - Pichon-Riviere, Enrique - *Práxis y psiquiatria, in El proceso Grupal*. Ediciones Nueva Visión, 1985. Buenos Aires.
- 15 - Pichon-Riviere, Enrique - *Teoria do Vínculo*. Editora Martins Fontes, 3ª edição, 1988. São Paulo.
- 16 - Pichon-Riviere, Enrique - *Una nueva problemática para la psiquiatria, in El proceso Grupal*. Ediciones Nueva Visión, 1985. Buenos Aires.
- 17 - Santos, Milton - *Pobreza Urbana*. Editora Hucitec, 2ª edição, 1979. São Paulo.